

O ensino foi bem, na propaganda

Apesar de toda a paralagem oficial, os números de Português e Matemática da pesquisa do Sistema de Avaliação Básica, aplicada pelo Ministério da Educação, informam que o mundo do ensino fundamental e médio vai mal. Era ruim e, nacionalmente, piorou um pouco. Quem acreditou na história que entre 1995 e 1997 avançou-se nessas áreas, comeu gato de marqueteiro por lebre de modernidade.

A pesquisa do Saeb é feita a cada dois anos e, em 1997, envolveu 167 mil estudantes de 28 estados. Assim como em 1995, avaliou os conhecimentos de Português e Matemática da 4^a e 8^a séries do ensino fundamental e da 3^a do ensino médio. Seu sistema de pontuação vai de 0 a 400. A média nacional dos resultados de Português e Matemática caiu de 238 para 236. Convertido para a escala de 0 a 100, isso dá parcis 59, nota insuficiente para matricular o tucanato em faculdade que preste. Caiu pouco. Como diria o ministro Paulo Renato Souza, está dentro da margem de erro: "É igualzinho a pesquisa eleitoral".

Se cada estado tivesse tirado as mesmas notas, seria possível dizer que todas as mudanças ocorridas no sistema educacional entre 1995 e 1997 resultaram, na melhor das hipóteses, em coisa nenhuma. Não aconteceu isso. Os números mostraram sucessos e fracassos.

Primeiro os sucessos, com todas as pontuações convertidas para a escala de 0 a 100:

1) O governo de Eduardo Azeredo em Minas Gerais conseguiu o primeiro lugar que, em 1995, era de Brasília. Melhorou em quatro das seis provas e aumentou sua média de 63,2 para 66.

2) Os dois primeiros anos de Paulo Afonso Vieira em Santa Catarina tiraram o estado do oitavo lugar, levando-o para o segundo.

3) Paulo Souto tirou a Bahia do 18º lugar e levou-a à oitava posição, ultrapassando São Paulo e o Rio de Janeiro. Foi o estado que conseguiu o maior avanço, saltando de 56,5 para 60,7 pontos.

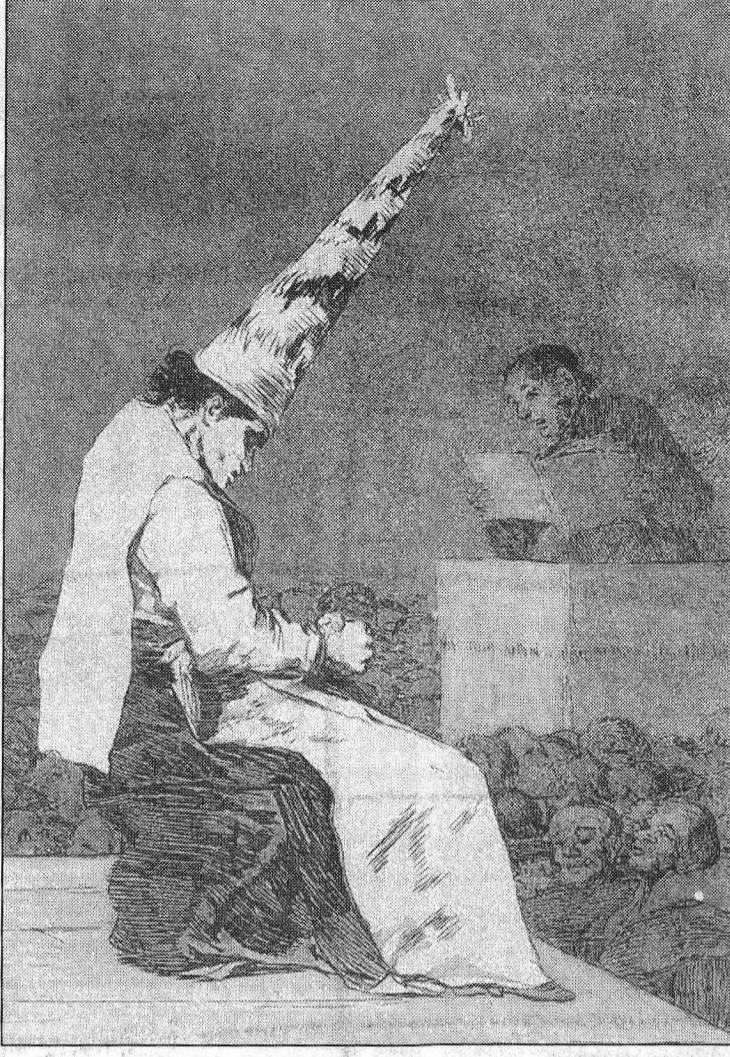
4) Tasso Jereissati tirou o Ceará do 16º lugar e deixou-o em 11º.

5) Roseana Sarney recebeu o Maranhão com a lanterna da classificação. Conseguiu 55,7 pontos, passando ao 24º lugar.

Agora três fracassos:

1) O mais retumbante deu-se em São Paulo. Sob a regência de Mário Covas, o estado caiu de segundo para décimo lugar. Somou 60 pontos em 1997, contra 63,5 em 1995. O Piauí, do governador Mão Santa (a sexta história de sucesso) fez o contrário. Avançou 3,8 pontos e hoje está tecnicamente empurrado com Covas. A rede de ensino paulista regrediu em todas as seis provas. Na Matemática da 3^a série do ensino médio caiu de 72,7 para 69 pontos, ficando abaixo de Alagoas (70).

2) O governo Marcello Alencar confirmou as piores suspeitas. Levou o estado do sétimo para o 13º lugar. Também regrediu em todas as provas. Caiu de 61,5 para 59,5 pontos.



Um retrato feio

(Média das notas dos exames de Português e Matemática das 4^a e 8^a séries do ensino fundamental e da 3^a série do ensino médio, numa escala de 0 a 100)

Os estados vão listados no ordem descendente da média do exame de 1997

UF	1995	1997	
MG	63,2	66,0	↓
SC	61,5	63,5	↓
RS	62,7	63,2	↓
DF	66,1	63,2	↓
PR	62,0	62,7	↓
GO	61,5	62,0	↓
MS	60,0	61,7	↓
BA	56,5	60,7	↓
PI	56,2	60,0	↓
SP	63,5	60,0	↓
CE	57,2	59,7	↓
ES	59,2	59,7	↓
RJ	61,5	59,5	↓
SE	59,0	59,5	↓
PE	55,7	58,0	↓
MT	58,0	57,7	↓
PA	57,7	57,5	↓
RO	57,5	57,5	↔
PB	56,5	57,5	↓
RN	56,2	57,5	↓
AM	57,2	56,7	↓
TO	55,0	56,5	↓
AL	55,5	56,2	↓
MA	53,7	55,7	↓
AP	55,7	55,5	↓
RR	56,5	55,2	↓
AC	54,7	54,7	↔
BR	59,5	59,0	↓

Vale observar que os dois maiores Estados da Federação, onde se concentram mais da metade dos estudantes do País e mais de 60% do PIB, ameaçam ficar abaixo da média nacional. O Rio mal está acima da linha d'água. Para uma média de 59 pontos, conseguiu 59,4. São Paulo tem 59,9. Em 1995, estavam confortavelmente acima.

3) O governador Cristovam Buarque perdeu a liderança nacional, passando do primeiro para o quarto lugar. Regrediu 2,9 pontos, caindo em todas as seis provas. Seu infortúnio tem um leve tempero estatístico, pois mesmo tendo sofrido uma perda em números absolutos, ficando mais de 2,8 pontos abaixo de Minas Gerais, está praticamente empurrado com Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. É justo dizer que esses três estados compartilham o segundo lugar.

Divulgados os números, vieram as queixas. A secretaria de Educação de São Paulo, Rose Neubauer, aconselhou "cuidado" na análise dos números do Saeb. Seu colega de Brasília atribuiu os maus resultados a um "acidente" e ao fato do governador ter expandido a rede escolar do Distrito Federal. Quem não se saiu bem contestou a metodologia do exame, a universalidade dos currículos e coisas do gênero.

Uma beleza de embromatina. Fazem isso logo na hora em que milhões de jovens passam pelo suplício do vestibular. Governadores e secretários de educação tiram más notas e reclamam da prova. Será que lhes ocorre que, a cada ano, uma parte da juventude brasileira é massacrada com provas cruéis, cheias de "pegadinhas" e de decorebas sem que seja dado aos estudantes o direito de usar argumentos desse tipo?

Para os burocratas da educação, pimenta nos olhos dos outros é refresco. Se o vestibular é um irracionamento, eles acham que, para o jovem, a perda da vaga é um fato da vida. Se uma avaliação nacional lhes reprova o desempenho, saem falando mal do exame, dos currículos e da vida alheia. Querem dar notas aos outros mas não querem aceitar a notas que recebem. O mais divertido é que só reclamam quando tiram notas ruins.

Ou as burocracias pedagógicas de São Paulo e do Rio demonstram que o Saeb está metodologicamente errado, e nesse caso a Viúva deve parar de gastar dinheiro com ele, ou, humildemente, reconhecem que administraram um problema. Pouco lhes custa alugar a humildade dos jogadores de futebol depois de goleados, quando recitam aos microfones:

- Demos o melhor de nós, mas desta vez desapontamos a torcida. Vamos lutar por melhores resultados nas próximas partidas.

Até porque, tratando-se de uma pesquisa baseada em provas nacionais, é ridículo ouvir de um professor que a entrada de crianças pobres nas escolas baixou a média do desempenho. Se isso fosse verdade, o piauiense Mão Santa não poderia ter conseguido melhores notas que o paulista Mário Covas em duas das três provas de Matemática.